

A representatividade discursiva das descrições do negro no conto “Bocatorta”, da obra *Urupês* de Monteiro Lobato: entre a denúncia, o preconceito

La représentation discursive des descriptions du noir de l’histoire de “Bocatorta” du livre *Urupês* de Monteiro Lobato: entre la dénonciation et la préconception

Alexandra Loiola Sarmento*

Resumo: Este artigo analisa o conto “Bocatorta”, do livro *Urupês* de Monteiro Lobato, tendo como foco a representatividade discursiva das descrições do negro. Lobato reúne posições antitéticas em que, a princípio, supõe-se de denúncia do preconceito racial, porém, depois se tem a impressão de que ele próprio adota uma ideologia que dá força ao preconceito. A descrição do personagem Bocatorta é feita com traços exagerados, uma representação desfigurada do ponto de vista físico e moral. Assim, é possível reconhecer as estratégias simbólicas de organização dos discursos em que a denúncia do preconceito e a disseminação deste se confundem.

Palavras chave: Análise discursiva, denúncia, preconceito racial, Bocatorta, Monteiro Lobato

Résumé: Cet article fait une analyse de l’histoire de “Bocatorta”, du livre *Urupês* de Monteiro Lobato. L’analyse a comme foyer la représentation discursive des descriptions du noir. Lobato rassemble un position antithétique. Où le principe si suppose de la dénonciation de la préconception raciale, mais, plus tard reste l’impression de cela proprement dit il adopte une idéologie qui donne la force à la préconception. La description de la personnalité de Bocatorta est faite avec les traces exagérées, une représentation défigurée du point de vue physique et moral. Ainsi, il est possible d’identifier les stratégies symboliques de l’organisation des discours où la dénonciation de la préconception et la diffusion de ceci si confondre.

Mots-Clés: Analyse discursiva, dénonciation, préconception raciale, Bocatorta, Monteiro Lobato

* Professora de Literatura Portuguesa do Curso de Letras da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Pós-Graduada *lato sensu* em Linguística e Produção de Textos, pelas Faculdades Interadas de Patrocínio – FIP; Pós-Graduada *lato sensu* em Literatura Luso-Brasileira, pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Contato: alexsandrasarmento@ig.com.br

1 Introdução

O estudo, que ora se apresenta, busca analisar a discursividade das descrições do negro no conto “Bocatorta”, da obra *Urupês* de Monteiro Lobato. As descrições de Lobato acerca do negro no conto reúnem posições antitéticas em que a ideologia, que a princípio supõe-se de denúncia do preconceito racial, passa a tomar feições de preconceito em relação ao negro, pela utilização de uma descrição caricatural, estereotipada e hiperbólica.

Apesar da indispensável presença do enredo, não é ele, no entanto, que dá força de expressividade ao texto. A carga semântica do discurso são as próprias descrições, os pormenores, a escolha dos substantivos, a adjetivação que ambienta o lugar, caracteriza os personagens, qualifica ou rebaixa, manifesta o julgamento de valores dos seres descritos, demonstrando a formação discursiva do autor e a disseminação da ideologia circunscrita. A par dos caracteres analisados, é possível reconhecer estratégias simbólicas de construção dos discursos em que denúncia e disseminação do preconceito racial se misturam.

O trabalho foi organizado da seguinte forma: no primeiro momento é vislumbrada a presença da caricatura do negro no conto como forma de romper com o eufemismo romântico e denunciar, sem abrandamentos, as violências sofridas pelos negros e a imagem que uma cultura de preconceito criou acerca dos afro-descendentes. Na seqüência, são identificados no conto os estereótipos do negro, a imagem do branco, as associações e os julgamentos de valor expressos, bem como, a presença da caricatura como meio de deformação moral do objeto caricaturado. Em última análise, são confrontados a proposta ideológica de denúncia do preconceito racial com o preconceito racial manifestado pelo próprio Monteiro Lobato que denuncia o preconceito.

2 A descrição como um discurso no enredo: um meio de denúncia?

O conto “Bocatorta” está ambientado numa fazenda, cuja demarcação denuncia um aspecto um tanto lúgu-

bre, cuja descrição primeira é construída num prenúncio de tragédia. Os principais personagens aparecem pela estrada mestra da fazenda, de volta da cidade. Além do Major Zé Lucas, de sua mulher Don’Ana e Cristina, a filha única de 18 anos, vinha a passeio o bacharel Eduardo, primo longe e noivo da moça.

Ao chegarem à fazenda, começam a ouvir pela boca do personagem Vargas, a notícia dos acontecimentos ocorridos durante a ausência da família. Conta-se dos porcos sumidos, que, para o fiscal, foram roubados por um tal negro, o qual precisava ser afugentado dali, segundo o personagem. Naquela fazenda, o negro Bocatorta, também, era suspeito de necrofilia. Curioso a respeito do indivíduo referido, o noivo de Cristina, Eduardo, faz indagações ao Major Zé Lucas sobre Bocatorta. Ao ouvir as descrições feitas do negro, Eduardo, impressionado com a feiúra descrita, pede explicações. É aí que Bocatorta é comparado ao Juda, com a ressalva de que em face de Bocatorta “O Juda fica lindo” (Lobato, 1994, p. 118).

Diante da descrição feita, Eduardo decide conhecer o negro pessoalmente acreditando que tamanha feiúra seria exagero da imaginação dos roceiros. Cristina, filha do major, amedronta-se, só de ouvir o nome do negro. Entretanto, mesmo a contragosto, por insistência do noivo, segue com Eduardo, D’Ana e o pai até o casebre do personagem. Detalha o narrador que Cristina revelava na fisionomia um aspecto sombrio, como se sentisse maus presságios. No momento em que Bocatorta sai de dentro de sua casa, ou da “biboca”, como quer o conto, e aparece, o narrador afirma: “Bocatorta excedeu a toda pintura” (Lobato, 1994, p. 124).

Não apenas Cristina, mas todos ficaram apavorados (o noivo, inclusive) com a aparência de Bocatorta. Logo que saíram todos do lugar, a chuva caiu pela noite. No dia seguinte, Cristina amanheceu febril, e o seu estado de saúde piorava sempre e, dez dias após o passeio, ela falece. Eduardo, tarde da noite, decide ir ao cemitério contemplar o túmulo de Cristina. Porém, ao chegar lá: “Firmou a vista: qualquer coisa agachava-se na terra” (Lobato, 1994, p.119). Eduardo contou, então, ao ma-

jor que estavam desenterrando Cristina. Saíram da fazenda em direção ao cemitério, Eduardo, o major e o capataz: “Um quadro hediondo antolhou-se-lhes de golpe: um corpo branco jazia fora do túmulo - abraçado por um vulto vivo, negro e coleante como polvo” (Lobato, 1994, p. 129).

Bocatorta saiu a correr e saltou o muro do cemitério, mas, seus perseguidores o alcançaram. O major Zé Lucas aponta o revólver para o negro, mas o capataz aconselha que não era necessário gastar bala para aquela vingança, o atoleiro se encarregaria de fazer o serviço. Na manhã seguinte, o major esclareceu que Cristina já estava enterrada, e o negro estava beijando o barro, concluiu sinistramente o Vargas (Lobato, 1994, p. 130).

Pelas descrições que aparecem na composição da estrutura física do negro Bocatorta, é importante atentar-se para o fato de que o autor se utiliza do aspecto da deformação para dar um caráter de feiúra e horripilância. Muito mais importante, porém, que o caráter aterrador da aparência, são os processos utilizados para a composição da deformidade. Importa dizer que o processo de descrição de Lobato se conforma com o princípio determinista do naturalismo que, segundo Herman Lima (1997, p. 62), capta “a realidade no seu aspecto externo, como sede e o motivo dos conflitos entre os homens”. Nesse sentido, para a construção da imagem do personagem, é declarado ser necessário praticar vários atos de violência: “judiar, cavocar o buraco dos olhos, afundar brasas nos olhos, meter a faca nos beiços e arrancar fora os dois, arrancar os dentes, entortar a boca, entortar as pernas, ir judiando” (Lobato, 1994, p.119).

Quando o personagem Vargas, no conto, enuncia “cavoque o buraco dos olhos e afunde dentro duas brasas alumando”. Há também uma remissão a outra cena de violência narrada por Monteiro Lobato (1994) em outro conto, “Negrinha”, em que a personagem Dona Inácia mete um ovo quente (fervendo) na boca da criança negra. A remissão está presente, também, quando, em “Negrinha”, o narrador afirma que a menina tinha o corpo tatuado de cicatrizes. Não se olvide, também, o fato de os negros terem sido marcados a ferro quente

com a letra e marca de seus donos.

Ao lado de outras cenas que poderiam ser evocadas, como surras e capaço, a mando do dono de escravos, os enunciados “mete a faca nos beiços”, “entorte a boca de viés”, “vai entortando as pernas e esparramando os pés”, mostram-se bastante verossímeis com a realidade das práticas de tortura a que eram submetidos os negros escravos. Depois de descrever os atos de extrema violência, é que, para o personagem Vargas, seria possível estabelecer uma idéia aproximada do que seria o negro.

Portanto, sob o ponto de vista da denúncia social, o negro seria o resultado de todas as violências sofridas. Ainda sob o aspecto da denúncia, é possível afirmar que para o negro ser pintado de maneira tão deformada, é necessário que o branco o violente físico e moralmente. A deformação do negro só existe ao passar pela visão preconceituosa do branco.

A forma escolhida pelo autor para compor a aparência, privilegiando o feio, o grotesco, o bizarro, reflete também a arte pós-impressionista, que, segundo Arnold Hauser (1972, p.118), “é a primeira a renunciar, em princípio, a todo aspecto ilusório da realidade e a exprimir a sua atitude perante a vida, através da deformação deliberada”. É relevante a afirmação de Hauser, pois com efeito, quando se depara com a imagem de Bocatorta, pode-se afirmar que Monteiro Lobato rompia com todo o romantismo que procura valorizar o caráter nativo do brasileiro construindo um heroísmo que não se conformava com a realidade nacional. A visão heróica camuflava a gravidade da situação social e racial do Brasil.

O Romantismo pátrio descrevia personagens de plástica impecável que, além da beleza do corpo, abundavam em beleza da alma. O negro romântico, não era descrito em sua etnia própria. Para descrevê-lo, a literatura valia-se de eufemismos para abrandar o preconceito racial. Quando não branqueava de vez a negritude, suavizava, através da morenidade:

No Brasil, a atualização, atualmente muito flexível da palavra ‘moreno’ é um dos acontecimentos sociológicos mais significativos no seu as-

pecto semântico. Corresponde a transições numa sociedade cuja composição multirracial aproxima-se, cada vez mais, daquilo que o inventor de palavras talvez tivesse a ousadia de chamar 'metarracial'(...) Metarraça: Neologismo criado por Gilberto Freire e por ele já empregado em trabalho originalmente publicado em língua inglesa para designar uma condição social, ou sociocultural, que se apresente mais importante, como característica de um grupo multirracial, e pela consciência que esse grupo tenha de si próprio, do que as condições decorrentes das etnias que o acompanham. A sociedade brasileira tende a ser, como grupo, a revelar a composição étnica, de sua população. (Barbosa, 1983, p. 18)

Observe-se que Castro Alves, o poeta dos escravos, na tentativa de valorizar a mulher negra, caracteriza a mulher sensual negra chamando-a de morena. (Alves, 1999, p.133). Conforme Adilson Citeli, "A alteração lexical não é apenas parte de um natural processo sinonímico, mas o desejo de dourar uma pílula cujo desgaste se tornou evidente" (Citeli, 2000, p. 31). Como o adjetivo negro estava desgastado na época, o próprio Castro Alves tentou valorizar a mulher negra suavizando a negritude e exaltando a morenidade.

Já Lobato procura romper com o eufemismo romântico da descrição do negro e das classes sociais no Brasil, retoma a referência negro fazendo o leitor pensar no tema, conformando-se com a filosofia de Bakhtin (2004, p.15) de que "Só a dialética pode resolver a contradição aparente entre a unicidade e pluralidade da significação". Lobato instiga as vítimas do preconceito racial a pensarem sobre a nomeação. É de se observar que, na cultura brasileira, a nomeação "negro" passou a fazer parte da nomeação de qualidade, que para Maingueneau (2001, p.49), "é inseparável da presença de uma subjetividade enunciativa e de atos particulares de enunciação. Basta que apareça (...) para que seja necessário restituir esta subjetividade, fonte de avaliação", que pode ser concebida como positiva ou negativa.

Ao contrário dos eufemismos românticos, Lobato mostra o aspecto cru da imagem que as pessoas tinham

(e têm?) do negro. Por isso, o autor é ousado nas referências que faz ao negro, que, em nenhum momento são abrandadas. Pelo contrário, sofrem o processo do exagero da caricatura.

O que o autor faz é apresentar a imagem que uma sociedade de preconceito criou do negro, é uma imagem, portanto, subjetiva, mas que acaba por denunciar a gente brasileira preconceituosa, ao contrário dos românticos que negavam as imperfeições da pátria, no caso o preconceito. Contudo, a despeito disso, ainda que se reconheça no conto Bocatorta uma tentativa de denúncia social, o aspecto caricatural é tão marcante que não deixa de transparecer preconceitos manifestados pelo próprio autor ao compor a narrativa, que nada apresentava para contrapor à imagem negativa do negro. Pelo contrário, por mais de uma vez, o narrador tenta convencer o leitor que aquela imagem bizarra não era uma imaginação dos roceiros. É o que se depreende da constatação do narrador quando afirma: "Bocatorta excedera a toda pintura" (Lobato, 1994, p. 124).

3 A presença dos estereótipos

A carga semântica que traz vida ao conto de Monteiro Lobato são as próprias descrições, os pormenores, os substantivos e adjetivos que ambientam o lugar e caracterizam personagens. Ao comparar a descrição do negro à descrição da branca Cristina, o que se observa não é apenas a oposição de aspectos físicos, mas ideologias preconceituosas e reforço aos estereótipos. Atente-se para a escolha dos substantivos e adjetivos utilizados para a composição da imagem da personagem Cristina de cor branca:

Donaire, elegância, distinção [...] pintam-lhe vocabulos esbeçados pelo uso assim cunhado de quês particularíssimos cuja soma "linda" totaliza? Lábios de pitanga, a magnólia da pele acesa em rosas nas faces, olhos sombrios como a noite, dentes de pérola [...] Vê-la mordiscando o hastil duma flor de catingueiro [...] madeixas louras, a brincarem-lhe nas têmporas, vê-la assim formosa [...] era compreender a expressão dos roceiros: linda que nem uma santa. Olhos, sobretudo, tinha-os Cristina de alta beleza. (Lobato, 1994, p. 122)

Cristina, com características de pele branca e madeixas louras, é comparada ao que há de mais belo e valioso. As partes do seu corpo são comparadas ao que há de melhor: sabor – lábios de pitanga; perfume – a magnólia; beleza e preciosidade – a pérola. A personagem recebe, desse modo, todos os adjetivos que garantem a totalização de linda.

Bem outro é o aspecto do negro que é apresentado:

[...] quer saber como é o negro? Venha cá. Vossa senhoria garre um juda de carvão e judie dele; cavoque o buraco dos olhos e afunde dentro duas brasas alumando; meta a faca nos beiços e saque fora os dois; ranque os dentes e só deixe um toco; entorte a boca de viés na cara; faça uma coisa bem desconforme, Deus que me perdoe. Depois, como diz o outro, vá judiando, vá entortando as pernas e esparramando os pés. Quando cansar, descanse. Corra o mundo campeando feiúra braba e aplique o pior no esturpor. Quando acabar garre no juda e ponha rente de Bocatorra. Sabe o que acontece? O juda fica lindo! (Lobato, 1994, p. 119)

Enquanto Cristina, branca, recebe o que há de melhor em termos de substantivos e adjetivos, Bocatorra, negro, recebe o que há de pior. Cristina sintetiza todos os seus caracteres no termo “linda”, o negro precisa de mais de um adjetivo para traduzir sua imagem, a saber: horripilante, disforme, monstro. Ainda assim, o personagem Vargas considera insuficientes tais adjetivos para descrever a aparência do negro, lança mão da comparação ao “Juda” e afirma que o aspecto de Bocatorra é mais degenerativo ainda. Além disso, Bocatorra é referido pelo próprio narrador como “polvo coleante”, “vulto asqueroso” (Lobato, 1994, p.129).

O que se entremostra nessa contraposição de aparências é a cópia dos valores europeus no pensamento da gente brasileira, que despreza o negro, em função da imagem européia de pele clara, madeixas louras, considerada como padrão de beleza, como foi mostrado.

Assim, o negro é visto como feio aos olhos da época, associado a ladrão, bruxo, que tem parte com o demônio. Para se reforçar a idéia de quem seria o negro, este é comparado ao “Juda”, símbolo de toda fei-

úra, traição e maldade. Partindo-se da aparência, julga-se também a essência. Cristina é associada à santa por ser branca e bela. Ressalte-se, aqui, que o próprio nome Cristina tem como radical “Crist”, de Cristo, do qual também deriva “cristianismo”. Pode-se afirmar, portanto, que o nome da personagem está associado a Cristo. Por outro lado, a descrição do negro Bocatorra o associa ao próprio Diabo.

O que se evidencia é uma violência ao negro, exposta no olhar. Em um dado momento, o personagem Zé Lucas relativiza a avaliação da aparência de Bocatorra, na medida em que aponta as diferenças de pontos de vista entre o que o povo dizia e sua opinião pessoal: “para mim é um pobre diabo, cujo crime é ser feio demais” (Lobato, 1994, p.121). Entretanto, quando a narração se encaminha para o momento em que Bocatorra aparece aos olhos das personagens, o desfecho é inusitado, já que Eduardo considerava o aspecto cru da realidade como capaz de desmanchar os exageros da imaginação, entretanto o narrador afirma: “Bocatorra excedeu a toda pintura” (Lobato, 1994, p. 124).

De acordo Dominique Maingueneau (2001, p.79), a “literatura pode freqüentemente simular ser apenas uma representação de uma realidade diante da qual ela desapareceria, mas os códigos estéticos sobre os quais se apóia e os poderes significativos que libera extravasam por todos os lados a exigência do realismo”. Assim, tanto o personagem Eduardo quanto o leitor têm motivos para duvidar da existência de tal feiúra do negro. Entretanto, a posição do narrador persuade o leitor.

O que o narrador faz com aquela afirmativa é tornar uma questão que até o momento se fazia subjetiva, duvidosa, numa verdade confirmada: de que o negro é concretamente tudo e até além do que se havia descrito. Segundo Antônio Cândido (2004, p. 35), “o autor dirige o nosso ‘olhar’, através de aspectos selecionados de certas situações, da aparência física e do comportamento”.

Ainda, Maingueneau (2001, p. 125), na narrativa pode ocorrer a contaminação do narrador “que não tem a neutralidade de um narrador anônimo”, identificado como: “narrador-testemunha, o qual partilha o ponto

de vista e a linguagem da coletividade evocada” (negrito no original). Esta atitude do narrador- testemunha identificado no conto se faz presente na narrativa: além do narrador se manifestar em relação à imagem de Bocatorta, manifesta-se, também, ao descrever Cristina: “Vê-la assim formosa no quadro duma tarde de junho, era compreender a expressão dos roceiros: linda que nem uma santa” (Lobato, 1994, p. 122). O narrador se rende à visão dos roceiros e endossa para o leitor a idéia de que a pele clara e cabelos louros representam a beleza e a santidade.

A estratégia usada por Lobato na escolha do narrador para o conto, permite ao analista associar o narrador ao autor, uma vez que Lobato não utiliza a estratégia de utilizar um narrador que dissimula a vinculação ideológica entre o autor e o narrador, ao contrário, já que, segundo Maingueneau (2001, p. 39), “a delegação do papel de narrador a uma personagem redobra e dissimula ao mesmo tempo a passagem do autor”. Não é o caso do narrador de Bocatorta que não delega ao personagem o papel do narrador, uma vez que não se constitui em narrador-personagem e a opinião a respeito do negro é manifestada não só pelos personagens, mas pelo próprio narrador.

Assim, na contraposição no ato de descrever, o julgamento segue o estereótipo das divisões das raças: de pleno valor ou inferiores e deficientes. Para Fábio Lucas (1989, p. 67), Lobato “tinha consciência da literatura como um julgamento, algo submetido a uma ética”.

É Alfredo Bosi quem conclui acerca da maneira como Monteiro Lobato compôs os seus personagens:

Lobato concentrava-se no retrato físico, na busca dos defeitos do corpo e dos aspectos risíveis do temperamento ou do caráter. Um anti-romantismo algo pragmático, que o desviava continuamente da interioridade, fazia-o descansar na superfície dos seres e dos fatos cuja seqüência se revela por isso desumanamente funcional. (Bosi, 1973, p. 69)

A constatação de Bosi denuncia, assim, o caráter discriminatório da descrição adotada por Lobato e mostra a tentativa do contista de romper com o discurso romântico inaugurando, porém, um novo

discurso. Conforme Judith Revel, para Michel Foucault, o discurso se constitui de “um conjunto de enunciados que obedecem, apesar de tudo, as regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente lingüísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinadas (por exemplo, a grande separação entre razão e desrazão)” (Revel, 2005, p. 37). Portanto, os discursos podem estar prenhes de cisões e contradições, como o discurso do conto “Bocatorta”.

4 A caricatura como um meio de deformação moral

Como o autor tinha o objetivo de causar forte impressão no leitor e era apaixonado por artes plásticas, deixa-se influenciar por essa paixão. Faz uso de umas principais marcas da arte expressionista: a caricatura. O próprio Lobato, citado por Lucas (1989, p.67), já confessara: “Quando escrevo, pinto – pinto menos mal do que com pincel”.

E em “Bocatorta”, Lobato pincela o personagem com tintas carregadas. Cria imagens deformantes; boca: “monstruosa deformação; cabelos: “gaforinha arruçada”; pele: “grumosa, escamada de escaras cinzentas”; pernas “cambaias”; pés: “deformados que nem remotamente lembrava a forma do pé humano”. Para cada elemento que compõe os traços do personagem Bocatorta, são usados vários adjetivos deformantes, incluindo a avaliação moral. Segundo o próprio autor, a caricatura é “um meio de matar às claras – matar moralmente” (Lobato, 1951, p. 3). Pela concepção que o autor apresenta da caricatura, Bocatorta morre, moralmente, no momento em que adquire uma imagem.

Assim, a imagem preconceituosa de imundície, sujeira do negro, não é esquecida na caricatura. Fica, assim, implícita uma certa semelhança entre o negro Bocatorta e o atoleiro, de lama negra. Pois o atoleiro foi descrito como um “famoso pântano”, “pego de insidiosa argila negra fraudejado de velhos guaiambés nodosos”, notabilizado pela profundidade. Segundo o conto, é gravado no imaginário popular “como uma das bocas do próprio inferno” (Lobato, 1994, p. 117), para os roceiros, o tal pântano era símbolo de maldições e fonte de

grandes superstições. Bocatorta, do mesmo modo, levantava superstições, amedrontava, "nodoava" o que era considerado sagrado (o corpo branco de Cristina morta). Aliás, de acordo com o narrador, a simples aparência de negritude e deformidade teria matado Cristina.

Bocatorta é vítima de sua caricatura, ao ser afogado pela lama negra do atoleiro. A forma escolhida para matá-lo, através do atoleiro, e não à bala, deixa à mostra a metáfora do negro sendo tragado, sufocado, afogado pela sua própria cor, pois que o atoleiro é da mesma cor da pele de Bocatorta. A lama do atoleiro está associada à cor negra de Bocatorta, entremostrando o imaginário de preconceito. Essa interpretação um tanto voltada ao caráter poluidor da linguagem, conforma-se com o objetivo da caricatura, segundo Lobato (1951, p. 7): "porque rirmos uns dos outros é da higiene humana, custeia a cada povo os seus caricaturistas".

Desse modo, seria a caricatura uma forma de higienização da cor negra e o afogamento de Bocatorta representaria uma forma de limpar-se da presença do negro. Ou, quiçá, uma higienização do preconceito, através da mostragem do aspecto cru da realidade.

5 Entre a denúncia, o preconceito: contrapontos obscuros na descrição do negro Bocatorta

O argumento usado por Lobato para a descrição exagerada de seus personagens é que "às idealizações anteriores era necessário opor a realidade com tintas carregadas" (Cavalheiro, 1962, p. 143). Entretanto, o que o autor faz é chegar ao outro extremo da idealização, o preconceito, ao deformar a gente brasileira e, neste caso, o negro, no intuito de pregar a "exata compreensão dos nossos problemas, a valorização das coisas brasileiras, sem os olhos deformadores do róseo romantismo e falso otimismo" (Cavalheiro, 1962, p.143). Na compreensão de críticos como Alfredo Bosi e Nelsom Werneck Sodré, citados por Enio Passiani (2003, p. 23), "o pré-modernismo foi criativo de contradições e ambigüidades: num movimento dialético, é possível perceber, ao mesmo tempo, elementos conservadores e

renovadores, avanços e recuos".

Ao que parece, para Monteiro Lobato, estaria justificado, então, o perfil do negro construído no conto pelo fato de que a literatura romântica escondia sua aparência sob formas eufemísticas, como moreno e de cabelos encaracolados.

Quanto ao rebaixamento moral, o que prevalece como positivo em Lobato é revelar, sem qualquer tipo de reservas, o imaginário e o pensamento preconceituoso do final do século XIX e início do século XX. É de se ressaltar que, nas obras românticas, ele acontecia de forma inversa, na medida em que se desejava apagar o preconceito, inibindo o que se pensava da negritude. Arthur Ramos pondera que:

toda a poesia libertária de Castro Alves apenas desperta um vago sentimento de piedade para uma raça, que uma falsa lógica considerou inferior [...]. Este ciclo 'negróide' é a expressão de um romanticismo de mistificação, ocultando a verdadeira face do problema sob as capas de um sentimento doentio. (Ramos, 2001, p. 17-18)

Já Lobato, conforme Passiani (2003, p. 55), no afã de dizer todas as verdades, ou aquilo que supunha ser a verdade, reconhece e assume a nossa "mestiçagem", o caráter híbrido de nossa cultura, e rejeita as influências estrangeiras como requisitos para abraçar o modernismo. Entretanto, ao fazer isso, do mesmo modo que o personagem Jeca Tatu dissemina o preconceito contra o homem do campo, assim também o faz Bocatorta, em relação ao negro.

Lobato mostra-se contraditório em relação ao tema racismo. A este respeito Passiani observa que as obras *Negrinha* e *Os negros*, por exemplo, são dignos de nota, porque mostram a discordância do autor em relação à discriminação racial e denunciam o aviltamento dos negros no Brasil. Interessante que Passiani é veemente na defesa de Lobato, tentando mostrar a convicção do não preconceito racial expresso por este, porém, em nota de rodapé expõe: "De qualquer forma, em alguns momentos de sua produção literária, notamos a posição dúbia de Lobato" (Passiani, 2003, p. 190).

Também Zinda Maria Carvalho de Vasconcelos, citada por Marisa Lajolo, demonstra a posição ambígua que Lobato já demonstrou em outros textos referentes ao tema:

é fora de dúvida que Lobato subscreve preconceituosos etnocêntricos e mesmo racista [...] Mas, se neste livro ele abraça idéias acerca da superioridade racial, em outros momentos resgata o elemento de origem africana e reconhece seu papel na cultura brasileira (itálico presente no original). (Vasconcelos, 1982, apud Lajolo, 1999, p. 67)

Constata Lajolo (1999, p. 67) que “a representação do negro, em Lobato, não tem soluções muito diferentes do encaminhamento que a questão encontra na produção de boa parte da intelectualidade brasileira”, dividida entre aqueles que desde o final do século XIX e início do seguinte já propunham uma abordagem antiescravagista e anti-racista e, de outro lado, os defensores da tese do branqueamento. Assim, compreende-se a posição de Lobato, que estava, portanto, entre estudiosos que progrediam e regrediam em relação ao tema racial.

Nesse sentido, o pensamento de Mikhail Bakhtin (2004, p.36) ilustra a não individualidade do discurso e aponta uma possível compreensão deste a partir da formação discursiva: “A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos ideológicos”.

A partir disso, pode-se observar que a condição de produção discursiva de Monteiro Lobato favorecia a escrita do conto “Bocatorta” com o tipo de procedimento adotado, uma vez que, como salienta Maingueneau, “as representações imaginárias se constituem através do que já foi dito e do que já foi ouvido” (Maingueneau, 2000, p. 30).

Se, por um lado, pode-se vislumbrar um caráter de denúncia no conto, não se pode, por outro lado, deixar de aceitar que há uma certa ambigüidade entre a denúncia e o preconceito puro e simples, conformando-se com a própria formação discursiva do autor que viveu a época histórica e literária das contradições, momentos de avanços e recuos.

6 Considerações finais

A partir da análise da discursividade das descrições no conto “Bocatorta”, da obra *Urupês* de Monteiro Lobato, sob a ótica da denúncia do preconceito racial e a disseminação deste. Pode-se afirmar que as descrições do negro, no conto analisado, reúnem, portanto, posições dúbias, já que, se por um lado, podem ser observadas descrições despidas de eufemismos românticos como forma de aplacar o preconceito, por outro lado, o preconceito racial do próprio Lobato se revela na medida em que cria um estereótipo do negro deformado físico e moralmente, através da caricatura.

Compreende-se a postura ambígua de Lobato, ao identificar sua formação discursiva e sua concepção de literatura. A sua formação discursiva rechaça o discurso romântico e inaugura um discurso pré-modernista, marcado pela transição entre antigos e novos paradigmas e é contemporânea de intelectuais tradicionalistas e progressistas. Sua compreensão da literatura é sempre subjetiva e não se isenta de oferecer um julgamento moral, como bem comprovou o conto “Bocatorta”.

Dos estudiosos que se debruçaram sobre a produção de Lobato em relação ao negro, alguns tentam defendê-lo da atribuição de disseminador do preconceito racial, outros constataam a presença da manifestação do preconceito pelo escritor, outros identificam uma postura ambígua em relação ao tema. Em relação ao conto “Bocatorta”, da obra *Urupês*, o presente estudo identificou uma mescla de denúncia do preconceito racial e a própria manifestação do preconceito.

7 Referências

- ALVES, Castro. *Os Escravos*. São Paulo: Klick, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. Trad. Michel Lahud et. Al. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Haucitec, 2004.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Gilberto Freire, o antecipador. In: *Seminário de Tropicologia: Trópico & Gilberto Freire, antecipador, antropólogo, escritor literário, historiador social, pensador, político, tropicólogo*, 1980, Recife, Anais... Recife: Fundaj, Massangana, 1983.

- BOSI, Alfredo. *O Pré-modernismo*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.
- CANDIDO, Antonio, et al. *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CAVALHEIRO, Edgar. *Monteiro Lobato vida e obra*. 3. ed. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- CITELI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 15. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- HAUSER, Arnold. Trad. Walter H. Geenen. *História social da literatura e da arte*. v. 2., São Paulo: Mestre Jou, 1972.
- LAJOLO, Marisa. *Negros e negras em Monteiro Lobato*. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira, GOUVÊA, Maria Cristina Soares (Org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LIMA, Herman. *Evolução do conto*. In: COUTINHO, Afrânio, COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. rev. atual., v. 6., São Paulo: Global, 1997.
- LOBATO, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951.
- _____. *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Urupês*. 1. ed. ver. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LUCAS, Fábio. *Do Barroco ao Moderno*. São Paulo: Ática, 1989.
- MAINGUENEAU, Dominique. Trad. Márcio Venício Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- _____. Trad. Maria Augusta Bastos de Mattos. *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru: EDUSC, 2003.
- RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro*. 5. ed.v. 1. Rio de Janeiro: Graphia, 2001.
- REVEL, Judith. Trad. Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- VASCONCELOS, Zinda Maria Carvalho de. *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço Editora, 1982. Apud LAJOLO, Marisa. *Negros e negras em Monteiro Lobato*. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira, GOUVÊA, Maria Cristina Soares (Org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.